

ATA – 1º ENCONTRO DA REDE BRASILEIRA SOBRE INFÂNCIA E CONSUMO

São Paulo, 20 de junho de 2013

1. Apresentação da proposta da Rede
2. Primeiras reações sobre a proposta
3. Encaminhamentos
4. Perguntas urgentes que precisamos responder
5. Sugestões operacionais

1. Apresentação da proposta da Rede

Na quarta-feira, 19 de junho de 2013, o Instituto Alana recebeu 41 convidados, num grupo bem eclético e engajado de pessoas físicas e representantes de organizações, em seu auditório, das 14h às 18h, para um encontro cujo objetivo foi promover a criação de uma Rede Brasileira que discuta questões relacionadas ao tema infância e consumo.

Na primeira parte da reunião, Lais Fontenelle, psicóloga do Alana, agradeceu a presença de todos e fez uma breve descrição da programação do encontro. Em seguida, pediu para que cada convidado se apresentasse.

Isabella Henriques, advogada e diretora do Alana Defesa (Projeto Criança e Consumo), fez uma fala sobre a importância de se criar a Rede, que é um fórum de discussão, troca e mobilização, e que essa era uma demanda antiga tanto da equipe quanto do próprio conselho consultivo do Projeto Criança e Consumo.

Isabella retomou um pouco a história da atuação do Alana nesse tema, de 2005 até hoje, para reforçar que muitos dos atores sociais presentes nesse encontro acompanham o Alana desde o início e outros foram se aproximando em momentos distintos. Também comentou que o Projeto Criança e Consumo se fortaleceu inicialmente com base em uma rede de contatos e relações centrados principalmente no ambiente jurídico e acadêmico, mas que hoje entende ser essencial envolver outros atores e possibilitar a difusão dessa pauta em diversas esferas da sociedade.

Lais acrescentou que esse é um momento histórico, pois muitos dos atores que discutem o tema estavam ali presentes ou já toparam fazer parte desse momento inicial e unir esforços para a criação dessa rede. Ambas reforçaram que **a ideia de criação da rede parte do Alana, mas o Alana será apenas mais um integrante, com o mesmo peso dos demais participantes.**

Em seguida, Lais e Isabella passaram a palavra para o Cássio Martinho. Cássio é especializado em consultoria para a criação de redes e foi contratado pelo Alana para um planejamento

estratégico que daria início a esse novo movimento. Ele explicou um pouco sobre o conceito do que é uma rede e quais são os princípios norteadores desse tipo de movimento. Fechou sua fala com sugestões de quais poderiam ser os objetivos centrais da nova rede e reforçou a necessidade de promover encontros presenciais com uma certa frequência e que seria importante promover um novo encontro em agosto.

Isabella apresentou um plano de apoio financeiro do Alana para a rede até 2015. A ideia surgiu da preocupação do Alana em garantir, pelo menos neste início, recursos mínimos necessários para viabilizar encontros presenciais, ações e produção de materiais. Isabella detalhou o plano para os participantes, que até então previa:

1. *Para o ano de 2013:*

- custos de mais dois encontros presenciais, um em agosto e outro em data a definir pela Rede, para 10 passagens/hospedagem para atores escolhidos pelo Alana, 10 passagens/hospedagem para atores escolhidos pela Rede, despesas de coffee break.
- A Rede deverá apontar uma ou duas pessoas que serão responsáveis por repassar pedidos, solicitações, custos e prestações de conta ao Instituto Alana
- O Instituto Alana poderá apoiar outros projetos e atividades da Rede, a seu critério.

2. *Para o ano de 2014: R\$200mil*

- R\$ 120mil, que deverão ser utilizados em passagens aéreas e hospedagem para realização de pelo menos 6 encontros da Rede.
- R\$ 80mil para produtos e/ou serviços que a Rede determinar, p. ex. impressão de materiais, realização de eventos, viagens para lobby, contratação de designers ou outros profissionais de prestação de serviços específicos, etc. Esse recurso não deverá ser utilizado para gastos fixos (como aluguel de sala, salário, conta de telefone, etc)
- A Rede deverá apontar uma ou duas pessoas que serão responsáveis por repassar pedidos, solicitações, custos e prestações de conta ao Instituto Alana
- O Instituto Alana poderá apoiar outros projetos e atividades da Rede, a seu critério.

3. *Para o ano de 2015: R\$100mil*

- R\$60mil, que deverão ser utilizados em passagens aéreas e hospedagem para a realização de pelo menos 6 encontros da Rede
- R\$40mil para produtos e/ou serviços que a Rede determinar, p. ex. impressão de materiais, realização de eventos, viagens para lobby, contratação de designers ou outros profissionais de prestação de serviços específicos, etc. Esse recurso não deverá ser utilizado para gastos fixos (como aluguel de sala, salário, conta de telefone, etc)
- A Rede deverá apontar uma ou duas pessoas que serão responsáveis por repassar pedidos, solicitações, custos e prestações de conta ao Instituto Alana
- O Instituto Alana poderá apoiar outros projetos e atividades da Rede, a seu critério

Isabella colocou que a ideia do Alana apoiar financeiramente a vinda de atores importantes, como membros do Conselho do Criança e Consumo, para os encontros presenciais se deu porque decidimos, institucionalmente, que para esse primeiro encontro não daríamos ajuda de custo para deslocamentos e afins, e apesar de percebermos que muitas pessoas vieram com recursos próprios, muitas outras que gostariam de estar ali não puderam comparecer e nos

perguntaram sobre essa ajuda. Isabella passa a palavra para Gabriela Vuolo, coordenadora de mobilização do Alana, que propõe uma pausa e sugere que na volta os convidados também possam falar.

2. Primeiras reações sobre a proposta

Na segunda parte do encontro, Adriana Friedmann, educadora e especialista em brincar, explica que está na Rede como representante de outras duas redes: a Rede Nacional Primeira Infância, que existe há 13 anos, e a Aliança pela Infância, que existe há 11 anos. Ela achou pertinente compartilhar as experiências das duas redes, como forma de indicar caminhos possíveis para este novo movimento. Explicou que a Aliança nasceu de uma rede de voluntários, mas que ao longo de sua atuação percebeu a necessidade de criar uma organização que pudesse captar recursos para ações. Já a Rede Nacional Primeira Infância reúne representantes de ONGs e governo e se divide em grupos de trabalho (GT). **Lembrou a importância de manter a interlocução com as redes que já existem: “Somos uma rede em redes.”**

Clarissa Homsy, advogada e mãe, trouxe uma preocupação dela e de mais duas participantes que tiveram que sair antes – a Claudia Siqueira, do Instituto Sidarta, e a Michele Prazeres, jornalista e participante do Intervozes– com relação aos recursos disponibilizados pelo Alana. “Estamos aqui de forma voluntária, com expectativa, generosidade e muita energia. O anúncio desse recurso ‘tira’ essa energia, e ao invés de ser libertador acaba sendo limitador”, disse Clarissa. Ela, então, **deu a ideia de que as instituições e pessoas possam sim contribuir financeiramente com a Rede, mas que o doador faça a gestão desses recursos.**

Rachel Biderman, professora/pesquisadora da FGV e especialista em sustentabilidade que participa de diversos conselhos de organizações, como o Greenpeace, trouxe algumas perguntas importantes para serem refletidas até o encontro de agosto: **quem é essa Rede? Quais são os objetivos dessa Rede? E qual é o filtro de seleção de quem entra na Rede?** Ela reforçou que pensar no financiamento é importante e que o aporte do Alana é bem-vindo, mas que é preciso pensar em outras questões que são chave nesse processo, como, por exemplo, o da governança. “O princípio da coletividade é ótimo, mas pode complicar o processo de decisão em alguns momentos”, disse. Ela **sugeriu que se crie um grupo coordenador que responda pelo operacional e que as decisões políticas sejam tomadas por todos da Rede.** Também acredita ser fundamental manter as portas abertas para pessoas e instituições e cuidar para que não haja hierarquia dentro da Rede. Ela ainda lembrou que o fundamental agora é que a Rede se aprofunde em conceitos como o da infância (criança) e consumo. “Quando falamos em consumo estamos falando de mercado? É preciso refletir sobre isso.” Fechou a fala com uma colocação importante sobre o princípio da transparência na atuação da nova Rede e que, para isso, os espaços virtuais podem ser grandes aliados.

Ana Néca, representando o Instituto Akatu, reforçou a fala da Rachel Biderman, tanto no sentido de abrir a Rede para organizações e pessoas, quanto no de receber o apoio financeiro do Alana como uma força nesse momento de criação do movimento.

Raquel Moreno, ativista feminista e integrante de diversas redes, como a Frentex (Frente Paulista de Comunicação), colocou algumas dúvidas e questionamentos: o Alana mantém sua estrutura de organização ou vai deslocar os esforços de sua equipe para a Rede? O Projeto Criança e Consumo, do Alana, tem foco nos impactos da publicidade na criança. Estamos falando disso aqui também? **É consumo ou é consumismo? É consumo de produtos ou também de mídia e de valores? Que leques podem se abrir com esse tema?**

Educação para a mídia entra no radar dessa nova Rede? Raquel acha que as respostas para essas perguntas poderão dar uma perspectiva para a Rede. “Por exemplo, estamos iniciando o processo das Conferências de Meio Ambiente e Educação e podemos levar as discussões da Rede para esses fóruns de debate”.

Isabella Henriques, do Alana, pede a palavra para esclarecer como será a participação do Alana na Rede: **“O Alana participará da Rede como qualquer outro integrante e claro que podemos eventualmente oferecer ajuda com a nossa equipe. Mas o trabalho da organização continuará como o de costume e nossa equipe não será deslocada para atender as necessidades da Rede.”**

Noêmia Goldraich, médica e professora/pesquisadora da UFRGS, **comentou sobre a dificuldade de pessoas de outras cidades de participarem de encontros presenciais e propôs o uso do recurso de videoconferência.**

Nádia Rebouças, publicitária, consultora em comunicação e conselheira do Projeto Criança e Consumo (Alana), disse ser **muito importante que a Rede tenha representantes de várias regiões do país** – “isso tem que estar no objetivo da Rede.” Voltou à discussão sobre os recursos financeiros oferecidos pelo Alana e se colocou da seguinte forma: “Para que a Rede seja de fato nacional é preciso viabilizar encontros e ações. Por isso, não vamos encarar essa oferta do Alana como algo de valor puramente monetário e sim como forma de dar força para que esse movimento seja brasileiro e que traga diversidade.”

Adriana Carvalho, advogada da ACTbr, falou um pouco sobre a experiência da Rede da Aliança de Controle do Tabagismo, que tem mais de 700 pessoas físicas e jurídicas e realiza capacitações uma vez por ano. Ela **sugeriu que fosse criado um site para publicação de artigos, informações e notícias (clipping) sobre os temas debatidos na nova Rede.**

Claudia Visoni, ativista, mãe e fundadora do Hortelões Urbanos, também estava representando o Movimento Infância Livre de Consumismo (ILC): “O ILC é uma rede muito bem sucedida que funciona no ambiente virtual. São mães pelo Brasil inteiro que nunca se encontram, só no Facebook.” Ela também defende que **o apoio financeiro viabiliza a participação de mais pessoas. Além disso, chamou a atenção para a necessidade de se criar um nome para a Rede, porque dá força, e de se pensar em um projeto que seja o pontapé inicial.**

Ismar Soares, professor/pesquisador da área de Educomunicação da ECA/USP, foi mais um integrante da Rede a **sugerir que haja uma divisão por grupos de trabalho temáticos**, tendo a criança sempre como o que une todos. Ele colocou rapidamente a **necessidade de se discutir com mais profundidade a relação da criança como produtora e consumidora de mídia**, de forma que a Rede leve em consideração que a criança é protagonista dessas relações.

Carô (Carolina Tarrío), fundadora do Movimento Boa Praça e mãe, concordou que os **encontros presenciais são importantes, mas que é preciso encontrar maneiras alternativas de se comunicar**. Também defendeu que antes de definir processos operacionais da Rede, é necessário clarear os temas que serão foco do movimento e pensar em ações.

Ana Olmos, psicóloga e conselheira do Projeto Criança e Consumo, fez uma fala comovente. Lembrou do início do trabalho do Alana no combate ao consumismo infantil e enfatizou que nada substitui a experiências dos encontros, porque os vínculos que se estabelecem nos encontros presenciais são mais fortes. Uma das ideias da Ana, que também veio como sugestão da Raquel Moreno, foi **que as pessoas da Rede hospedassem colegas de outras cidades em suas casas durante os encontros e que agora era hora de usar toda a energia para pensar em um planejamento**. “Estou muito feliz de estar aqui. Isso aqui dá esperança para a alma, é o nosso possível”, disse emocionada.

Maluh Barciotte, pesquisadora do Nupens/USP e integrante do movimento Slow Food, lembrou que o Alana já tem muita informação sobre o tema criança e consumo e que pode ser um ponto de partida para a elaboração de um planejamento da Rede. Uma ideia dela é **produzir material interessante para escolas, imprensa, consumidores**, etc. Falou ainda da importância por se prezar a gastronomia (a “boa gastronomia”, disse) nos encontros da Rede.

Noêmia Goldraich voltou ao tema das videoconferências por entender que esse recurso permitira a participação de mais gente e com mais frequência. Segundo ela, a maioria dos integrantes é de São Paulo e quem não é acaba tendo que “sacrificar” um tempo maior para participar.

Cássio Martinho concorda que está claro que é preciso (e bem-vindo) usar ferramentas da internet para a comunicação, mas enfatizou que os encontros presenciais fortalecem as redes e são necessárias. Ele explicou que existem várias possibilidades de organização de uma rede e que muitos exemplos foram lembrados durante a reunião. O desafio maior, no entanto, é pensar nas questões fundamentais: **quem é essa Rede? Quais serão os nossos modos de fazer? Quais são os temas e os limites de atuação? Sugeriu que a pauta do próximo encontro busque responder essas perguntas e indicar ações concretas para iniciar o trabalho**. “Hoje demos o primeiro passo para fazermos um planejamento estratégico da Rede.”

Jaqueline Ramalho, do Colégio Marista, trouxe uma reflexão muito relevante de **como a rede pode contribuir na formação de pessoas que façam ecoar os temas em suas**

comunidades. “Também precisamos pensar na concepção de infância. Precisamos entender melhor as crianças e percebê-las como produtoras de cultura.”

Fernanda Timerman, do GENTA e do Manja Gastronomia, parabenizou a diversidade de atores na nova Rede e apoiou a divisão de discussões temáticas por grupos de trabalho. Também colocou o GENTA como um ator capaz de contribuir para o debate sobre o impacto da mídia, já que eles trabalham a questão da imagem corporal.

Clarissa Ollitta, psicóloga, disse estar muito feliz em participar desse novo movimento e que gostaria de conhecer melhor cada integrante da Rede. Maria Helena Masquetti, psicóloga do Alana, **sugeriu que cada um criasse um mini currículo informal e mais leve, com o intuito de promover uma aproximação maior entre os participantes.** Nesse sentido, Maluh acrescentou que **seria importante espaço de discussão com grupos menores e se dispôs a organizar um world café** no próximo encontro (a metodologia do world café permite que grupos menores circulem, sempre guiados por perguntas inspiradoras comuns).

Cássia D’Aquino, especialista em educação financeira, alertou para não se deixar que a Rede caia numa organização exagerada e que ela acredita que as coisas irão fluir naturalmente. Ana Néca, do Akatu, colocou que é responsabilidade de todos pensar em como cada um pode ajudar. Lívia Dupont, professora e fundadora do Rooms Professional English, que também veio para a Rede representando seus alunos da área de Direito preocupados com o consumismo infantil, afirmou que tanto a escola dela quanto a PUC-RS estão disponíveis para encontros da Rede em Porto Alegre. Também que a universidade faz pesquisa na área de direito do consumidor e que poderia contribuir com conhecimento.

3. Encaminhamentos

- O grupo presente ficou de circular ideias e opções de nomes para Rede, pois ainda estamos usando um temporário.
- A sugestão do grupo presente foi que o próximo encontro aconteça em São Paulo, nos dias 16 e 17 de agosto.
- O Instituto Alana se comprometeu a procurar um lugar para esse encontro
- Cristiane e Alessandra, do Lancheira Saudável, se comprometeram a cuidar da parte operacional do próximo encontro. Elas farão um checklist de tudo que precisa ser feito e vão submeter para o grupo todo.
- Nádia e Maluh se dispuseram a colaborar na concepção e na mediação do próximo encontro, como facilitadoras.
- Anne Rammi, mãe blogueira (Mamatraca) e ativista, se dispôs a criar um grupo no Facebook para facilitar a comunicação. E César Pazinato, do Colégio Bandeirantes, vai fazer o e-group (lista de e-mails).

- Virgílio Afonso da Silva, professor de Direito da USP, propôs que a Rede avaliasse o sistema Moodle como forma de comunicação

4. Perguntas urgentes que precisamos responder

- Quem somos?

Isso é fundamental para definir quem será convidado para o próximo encontro. Podemos, individualmente, convidar outras pessoas que achamos que tenham a ver com o tema da Rede, ou devemos submeter os nomes para aprovação do grupo? Qual será o filtro de entrada?

- Quantas pessoas teremos no encontro de agosto?

Precisamos desse número URGENTE para buscar o espaço adequado para nossa reunião.

- Quem definirá os nomes das passagens disponibilizadas pelo Alana para o encontro de agosto?

Algumas pessoas propuseram que o próprio Alana determinasse quem iria trazer com essas passagens, mas não foi batido o martelo sobre isso.

- Qual o nome da Rede?

- Quem irá moderar o grupo de Facebook e email?

Anne e Cesar se comprometeram a criar os grupos, mas não discutimos se eles topariam fazer essa moderação.

5. Sugestões operacionais

- Utilizar crachá/etiqueta de identificação nos encontros presenciais

- Criar documento com foto e resumo de quem é cada integrante da Rede. Postar no Facebook (Anne)

- Usar esses resumos e fotos na elaboração de uma agenda para cada encontro presencial, que também contemple a pauta.

- Criar regras para a comunicação por email e ter um moderador que fique com o papel de orientar os integrantes da rede em caso de problema ou dúvida.